



A costureira Diva, 64 anos, entrou na fila dos transplantes em 1988

Doente crônico sofre com a hemodiálise

O transplante significa ganhar uma nova vida e se livrar de tratamentos caros e desgastantes. Para o renal crônico é poder viver sem ter de se submeter, três vezes por semana, a sessões de hemodiálise que duram quatro horas. O transplante mudou a vida da pequena Luana Araújo da Silva, de cinco anos, e da costureira Diva Xavier da Silva, 64 anos. Duas gerações unidas pela mesmo problema e pela mesma esperança. Pois nem sempre o transplante é a solução definitiva. Às vezes, ocorre rejeição do órgão alguns anos após a cirurgia.

Luana recebeu o rim de seu pai, Adelson Araújo de Souza, 39 anos. A técnica da cirurgia precisou ser adaptada, pois a menina recebeu um rim de 13 centímetros - mais do dobro do tamanho do rim de uma criança na sua idade. Luana

foi operada em julho e passa muito bem.

Persistência - A família descobriu que a menina era doente renal, há dois anos. Moravam na Bahia e trouxeram-na para Brasília na esperança de um tratamento. Nem o desemprego e nem a falta de dinheiro diminuíram a persistência dos pais de Luana. A menina acabou tendo mais sorte que muitos outros doentes renais. Pois os exames de compatibilidade revelaram que o

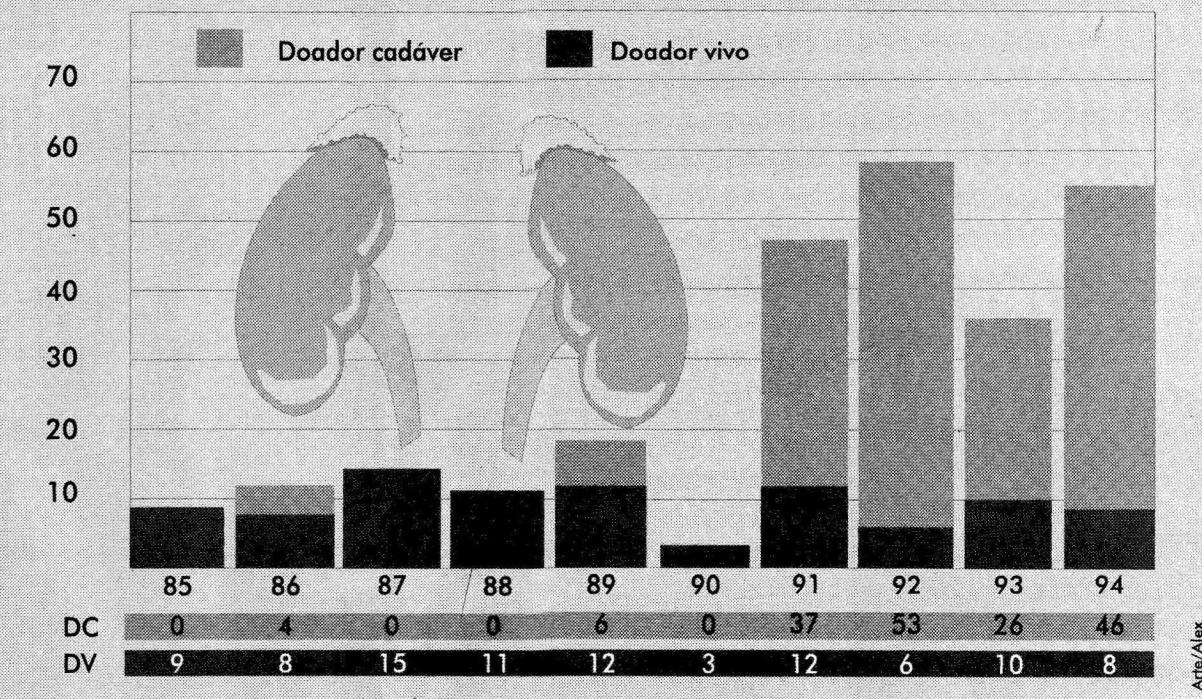
lei obriga motoristas a optarem por ser ou não doadores na hora de renovar a Carteira de Habilitação

pai de Luana poderia ser o doador.

A mãe, Iraci de Souza, conta que seu marido estava disposto a tudo para ajudar a filha. "Ela está ótima. Está feliz e brincando como uma criança saudável. Valeu passar por todo sofrimento". Ela também conta que parte da família do marido era contra o transplante. "Mandavam recados da Bahia desencorajando Adelson a doar o rim", diz Iraci.

A costureira Diva Xavier da Silva prova que nunca é tarde para receber um trans-

TRANSPLANTE RENAL



Arte/Alex

Suicida salva um jornalista

FERNANDO MARQUES

Um rapaz de 18 anos que se suicidou por amor não sabia que, ao se matar, salvava a vida de outra pessoa, liberando-a das dores e incômodos da hemodiálise. O jornalista Flamarion Mossri, 63 anos, recebeu o rim do rapaz alguns meses depois de passar por uma crise de saúde que o levou à UTI, em agosto de 1993.

A crise, desencadeada por um enfisema pulmonar, terminou por servir para que os médicos descobrissem outro problema: Flamarion "estava intoxicado, retendo muito líquido, com apenas 10% dos rins em funcionamento", conta Neide Mossri, esposa do jornalista.

Flamarion passou a fazer hemodiálise três vezes por semana, permanecendo por quatro horas diárias na máquina usada no tratamento, um remédio "doloroso e cansativo". Mas pôde ir ao hospital São Paulo, na capital paulista, para uma consulta com o nefrologista José Medina.

Solução - O paciente teve sorte: cerca de 40 dias depois da visita ao hospital, atendeu um telefonema com a notícia de que aparecera um doador. Fez o transplante, e seus problemas de saúde foram resolvidos, segundo afirma.

O jornalista era "hipertenso, fumava e levava uma vida estressante", diz dona Neide Mossri. Ela explica ainda que, no caso dos transplantes de rim, os médicos não retiram os órgãos **velhos**, mas acrescentam o **novo** ao abdômen do receptor.

Flamarion Mossri não chegou a conhecer a família do suicida que lhe deu um novo rim. O médico João Batista Pinto, integrante da equipe responsável pelo Programa de Transplante Renal do Hospital de Base, não recomenda contatos entre o receptor e a família do doador, pois poderiam ser criadas "relações afetivas patológicas".